



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Letras e Artes

Escola de Belas Artes

Curso de Graduação em Pintura

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CANTAR A FOLHA É REVERENCIAR A PERMANÊNCIA DA ÁRVORE**

Brenda Spinosa Francisco

DRE: 118173567

Rio de Janeiro

2024

## **CANTAR A FOLHA É REVERENCIAR A PERMANÊNCIA DA ÁRVORE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório à obtenção do título de Bacharela em Pintura pelo Departamento de Artes Base da Universidade Federal do Rio de Janeiro sob a orientação do Professor Dr. Julio Ferreira Sekiguchi.

Orientador: Dr. Julio Ferreira Sekiguchi

Co-orientadora: Dra. Leile Silvia Candido Teixeira

Rio de Janeiro 2024

### CIP - Catalogação na Publicação

S837c Spinosa Francisco, Brenda  
CANTAR A FOLHA É REVERENCIAR A PERMANÊNCIA DA  
ÁRVORE / Brenda Spinosa Francisco. -- Rio de  
Janeiro, 2024.  
44 f.

Orientador: Julio Ferreira Sekiguchi.  
Coorientadora: Leile Silvia Candido Teixeira.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de  
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2024.

1. Pintura. 2. Artes Visuais. 3. Campesinato. 4.  
Memória. 5. comunicação popular. I. Ferreira  
Sekiguchi, Julio , orient. II. Silvia Candido  
Teixeira, Leile , coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

## **CANTAR A FOLHA É REVERENCIAR A PERMANÊNCIA DA ÁRVORE**

BRENDA SPINOSA FRANCISCO

DRE 118173567

Orientador: Dr. Julio Ferreira Sekiguchi

Co-orientadora: Dra. Leile Silvia Candido Teixeira

Rio de Janeiro, 2024

A estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. Compromete-se também a enviar em documento separado o resumo e no mínimo três imagens dos trabalhos realizados com ficha técnica completa para seu orientador, a fim de serem divulgados online no site do Curso de Pintura da UFRJ. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota da estudante.

**Aprovada em: \_\_\_\_\_**

**Grau:**

---

**Dr. Julio Ferreira Sekiguchi**

---

**Dr. Ricardo Antonio Barbosa Pereira**

---

**Dra. Leile Silvia Candido Teixeira**

“É fundamental soprar palavras de força, aprender o saber dos anciãos da terra. Ele não foi perdido. Não basta colher a folha para fazer o remédio; é preciso saber cantá-la e encantá-la. Cantar a folha é reverenciar a permanência da árvore.”

(Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, ENCANTAMENTO  
sobre política de vida)

### ***A minha avó Ruth, Bete e Celinha!***

*por todas as sementes plantadas no quintal  
dos pés gigantes de manjerição  
os banhos de mangueira  
as manchas de manga na roupa branca  
por todas as cantorias de viola aos sábados  
o cheiro da galinha caipira, a paçoca de pilão  
o bolo de fubá com chá de capim limão  
pelos sonhos cantados e encantados  
que me fizeram chegar até aqui.*

Agradeço a minha mãe Susana, pelo apoio nas mais diversas e mirabolantes ideias ou rumos que eu tome na minha vida. Pela sua coragem, generosidade e cuidado o qual me inspiro e me asseguro. Por escolher fazer parte dos meus sorrisos, por me incentivar a alcançar os sonhos mais impossíveis e oferecer chão quando preciso - mesmo que eu quebre a cara nele.

Ao meu pai Adriano, por nunca ter desistido ou cansado de discutir política comigo o que me fez aprimorar cada vez mais meus argumentos. Por ter me ensinado a tocar violão ainda criança e me incentivado nos diversos caminhos artísticos, mesmo contrariando o seu sonho em ter uma filha médica.

Aos meus irmãos Gabriel e Rafael, por me apresentarem o lado mais potente e bonito da juventude. Com vocês eu tenho mais coragem, tenho mais fé no futuro e sei que: se eu consigo ser irmã mais velha de dois garotos, consigo passar por tudo e qualquer estresse nessa vida.

As minhas irmãs, a família que escolhi caminhar do lado, agradeço por serem a costura de mim com o melhor do mundo e por terem me ensinado tanto sobre permanência, ousadia e amor: Lane Lopes, Cibele Cê, Ana Laura, Bárbara Magalhães, Isadora Krummenauer, Julia Vieira, Giovanna Gio e Marina Ueda.

Ao Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), em especial, as/os companheiras/os que constroem a militância no estado do Rio de Janeiro e o Raízes do Brasil, pela contínua e sólida formação política, por me abrirem caminhos de aprendizado na comunicação popular e por fazerem com que eu nunca perca o meu esperar.

A Paula Brócolis e o Gab, agricultores e militantes do MPA que abriram as portas da sua casa, as roças, cederam os varais e as panelas para que eu pudesse cozinhar diversas plantas tintórias contidas nessa pesquisa.

Ao Comitê Chico Mendes que me recebeu no Acre como aliada das suas lutas pela memória de Chico, pelos aprendizados e trocas com a juventude de comunicadores potentes da Amazônia, pelo afeto imenso e ainda mais pelas amizades feitas, em especial a Angela Mendes, a qual nutro um profundo carinho e admiração.

Ao Laboratório Questão Agrária em Debate - UFRJ, o qual foi imprescindível na minha formação acadêmica e abriu espaço para que eu pudesse experimentar e confluir a pesquisa artística com ciência política. Agradeço a Profa. Dra. Elaine Moreira por ter estado no momento em que entendi e direcionei a pesquisa que me trouxe até aqui. A Profa. Dra. Leile Teixeira por não ter desistido de mim e ter aceitado minha candidatura no Laboratório mesmo eu furando a nossa primeira reunião. A Profa. Dra. Maristela Dal Moro que passou dois anos perguntando se eu já havia terminado o tcc, e agora posso dizer que sim, Maristela, terminei!

Ao coletivo interartístico *uma película* que faço parte, composta pelos amigos e companheiros de profissão: Guilherme Cirqueira, Lane Lopes, Isadora Krummenauer, Paula Furtado. Agradeço por levarem a sério os meus e os nossos desejos.

Aos professores que se tornaram amigos e aos amigos que depois descobri que eram professores, obrigada pelo incentivo, pelas críticas, pelas portas abertas e as oportunidades apontadas. Também agradeço pelas frases muitas vezes ditas: “você não vai resolver sua pesquisa aqui, esse é só o início” “melhor feito que perfeito” ou então “termina logo esse tcc brenda, pelo amor de deus.. ja deu ne? bora pular pra próxima etapa mulher, chega!” - essa foi a Paula Bonfim, obrigada! Neste bloco, referencio e cito com carinho a Leile Teixeira, Renata Linhares, Elaine Moreira, Gustavo Repetti, Marcelo Ribeiro, Iago Santos, Julio Sekiguchi, Rodrigo Teixeira, Claudia Lyrio e Marcelo Paes de Carvalho.

A Escola de Belas Artes da UFRJ, e em especial, ao departamento do Curso de Pintura que nos últimos anos não só atravessou e sobreviveu sob um governo de extrema direita, como também passou pelos desafios inenarráveis de uma pandemia. Minha imensa reverência e reconhecimento pelos professores, servidores e terceirizados que fizeram a

UFRJ funcionar, mesmo diante da insalubridade do nosso prédio e ateliê. O sucateamento das universidades públicas, sobretudo, os departamentos de Arte não fará com que paremos de lutar ou reivindicar aquilo que nos é de direito. Obrigada por persistirem nessas instâncias por todos nós.

Aos colegas de graduação, principalmente os que tornaram-se amigos: Rosita Schaefer, Yago Chedid, Mari Ana, Felipe Park, Isabel Lessa. Por perdoarem meus períodos de “aluna turista”, por compreenderem minha situação de trabalhadora que estuda, por me atualizarem dos locais das salas, dos trabalhos e das provas, pelas trocas, críticas e torcida mútua.

Ao governo Lula, pois através da Lei de Cotas, sendo aluna da rede pública de ensino durante a vida toda, pude ingressar numa Universidade Federal.

Aos membros da Banca Examinadora, Prof. Dr. Ricardo Antonio Barbosa Pereira, Profa. Ma. Lourdes Barreto, por aceitarem o convite de participação na banca e pelo tempo aqui dedicado.

E por fim, ao meu orientador Prof. Dr. Julio Ferreira Sekiguchi e minha co-orientadora Profa. Dra. Leile Silvia Candido Teixeira, por terem topado essa empreitada junto comigo. Pela paciência dentre as minhas alternâncias de tema, pelas horas de conversas dedicadas, as contribuições acadêmicas e principalmente pela atenção e cuidado durante todo o processo. Nutro um profundo respeito e admiração por vocês!

## **RESUMO**

Este trabalho de conclusão de curso aborda questões relativas ao desenvolvimento da pesquisa artística da autora durante sua trajetória da graduação em Pintura na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A partir de uma narrativa memorialista, o seguinte trabalho destaca a relação entre artes visuais, memória e política como um confluir de linguagens sociais que ressoam na sua experiência investigativa como artista visual, comunicadora popular e sujeito político.

**Palavras-chave:** pintura, artes visuais; memória; campesinato; comunicação popular

## **RESUMEN**

Este trabajo de conclusión de curso aborda cuestiones relativas al desarrollo de la investigación artística de la autora durante su trayectoria en la licenciatura en Pintura en la Universidad Federal de Río de Janeiro. A partir de una narrativa memorialista, el siguiente trabajo destaca la relación entre las artes visuales, la memoria y la política como una confluencia de lenguajes sociales que resuenan en su experiencia investigativa como artista visual, comunicadora popular y sujeto político.

**Palabras clave:** pintura; artes visuales; memoria; campesinado; comunicación popular.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. O SOLO QUE PISO.....</b>	<b>13</b>
1.1 Talhar o sonho de voltar.....	14
1.2 Retomar.....	15
<b>2. CANTAR A FOLHA.....</b>	<b>18</b>
2.1 Ato I: Denúncia.....	20
2.2 Ato II: Memória.....	25
2.3 Ato III: Encantamento.....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

Em tempos de ameaça à democracia e aos direitos da classe trabalhadora, o apagamento da história das lutas sociais faz-se como artifício da classe dominante para romper as articulações do povo. A memória dos povos sempre foi um fio condutor vivo que consegue atravessar o tempo e abastecer as resistências e lutas do futuro. Desta forma, cabe a nós mesmos enquanto juventude e classe trabalhadora do campo à cidade, a tarefa de zelar e fortalecer a memória e histórias contadas pelos nossos.

Assim como a poesia, a música, a dança, entre tantas outras manifestações artísticas e culturais, a linguagem da pintura não só carrega em si uma agência capaz de remontar estruturas dos nossos imaginários históricos como também o de criar e mirar novas possibilidades, a qual aqui chamarei de Encantamento.

O encantamento como uma capacidade de transitar nas inúmeras voltas do tempo, invocar espiritualidades de batalha e de cura, primar por uma política e educação de base comunitária entre todos os seres e ancestrais, inscrever o cotidiano como rito de leitura e escrita em diferentes sistemas poéticos e primar pela inteligibilidade dos ciclos é luta frente ao paradigma de desencanto instalado aqui. (SIMAS, 2020, p.07)

Desta forma, trago a linguagem da pintura a partir dessa pesquisa não apenas como uma aliada das lutas sociais do campo, mas também agente de sua própria narrativa. Aqui, aciono o passado e suas técnicas de pinturas tradicionais, as receitas de avó e conhecimentos antigos ao mesmo passo que me aproprio do contemporâneo, das técnicas convencionais e miro à possibilidade de construir as nossas próprias narrativas .

## **1. O SOLO QUE PISO**

O solo desta pesquisa é regado pela confluência entre minha vivência política e a necessidade de manter vivo alguns sonhos íntimos e familiares. No campo político e coletivo, por ser militante no Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), me volto às histórias das lutas dos movimentos sociais do campo e me alio no fortalecer das suas memórias através das artes visuais e a comunicação popular. Já no campo íntimo, trago o afeto, as receitas de avó e me volto às memórias das mulheres artesãs e camponesas que vieram antes de mim.

### **1.1 Talhar o sonho de voltar**

Nasci e vivi até os 16 anos no interior de São Paulo, na cidade de Sorocaba. Sendo a primeira filha de pais muito jovens, durante a infância e adolescência tive a sorte de conviver - e ainda convivo - com minha bisavó e duas avós. Cresci ouvindo as histórias de Ruth, Bete e Celinha, me contando de paisagens de outros lugares, de outros tempos e os caminhos pelos quais as trouxeram até ali, Sorocaba. Ouvi histórias que percorreram florestas, matagais, roçados e até a história de que tive uma tataravó que se transformava em bicho nas noites de lua cheia. Ouvi sobre trajetórias antigas, e sobre gerações ainda mais antigas. Sobre as andanças que vieram do Vale do Paraíba, do interior da Bahia, de Minas Gerais e dos Andes Argentinos. Para além das muitas histórias engraçadas, inventadas, que me arrepiam a espinha, de afeto ou até de feitiçarias, no meio das narrativas pessoais das minhas avós sempre existiu um elemento comum: o sonho de voltar. Voltar para um território. Voltar a morar em seu próprio pedaço de terra, sem a ameaça de ter que deixá-lo depois.



**Figura 1**

Print do videoarte “Retomar”, 2022.

Fonte: arquivo da autora. Disponível em: <[link](#)>. Acesso em: 30/08/24

Assim como minha família, ao longo de décadas, muitas famílias camponesas entre outras comunidades tradicionais do interior do Brasil, foram obrigadas a deixar suas terras por conta do avanço do agronegócio que enfraqueceu o trabalho do pequeno agricultor. Esse fato levou muitos trabalhadores do campo à extrema pobreza, muitas vezes empurrados para os centros urbanos por herdeiros latifundiários e tendo como destino, a ocupação de subempregos existentes na cidade. Depois de muito tempo ouvindo essas histórias e o desejo de “voltar” das minhas avós, que por vezes foram romantizadas pela névoa da nostalgia, compreendi os verdadeiros motivos dessa migração forçada para a zona urbana de Sorocaba e todas as relações de poder que existiram entre minha família e os “donos” das terras em que trabalharam um dia.

Ao ser atravessada por essas histórias familiares que também refletem parte da realidade agrária no Brasil, trago como substrato dos meus trabalhos artísticos a rebeldia sem silêncio, a organização da raiva e a defesa da alegria. Agora, também me cabe o trabalho de talhar o sonho de voltar.

## 1.2 Retomar

*Retomar - palavra que tem como significado "tornar a tomar" (algo concreto ou abstrato, que se perdeu); recuperar, reaver. dar continuidade a; continuar (o que foi interrompido).*

Antes de ingressar na Escola de Belas Artes da UFRJ, eu estava no final da graduação de Ciências Sociais (UFRJ) e com uma pesquisa em andamento pelo IPPUR sobre conflitos urbanos no Rio de Janeiro. Não posso dizer que a minha decisão de interromper o curso para ingressar em Pintura/EBA foi difícil, porque não foi. Nesta época, eu já trabalhava com design gráfico e estava começando a entrar no mercado de trabalho do audiovisual, então, pensei que faria mais sentido mudar de graduação e avançar tecnicamente nas linguagens artísticas ao invés de finalizar o curso de Ciências Sociais.

Olhando para os caminhos que me trouxeram até aqui, percebo com mais clareza o que me impulsionou e as influências que me fizeram raízes. Além da passagem acadêmica pelas ciências humanas, fazer parte do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) me representa um ato de retomada não só pessoal mas também coletivo.

O Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA é um movimento camponês, de caráter nacional e popular, cuja base social é organizada em grupos de famílias nas comunidades camponesas. Ao buscar resgatar a identidade e a cultura camponesa, na sua diversidade, o MPA se coloca ao lado de outros movimentos populares do campo e da cidade para a construção de um projeto popular para o Brasil baseado na soberania dos povos e pelos valores de uma sociedade justa e fraterna. Além disso, o movimento também constrói a Via Campesina Brasil e Via Campesina Internacional, da Confederação Latino-americana de Organizações Camponesas – CLOC, e da Frente Brasil Popular.

O espaço do movimento social na minha trajetória é um lugar excepcional e imprescindível de formação política, cultural e social que enriquece o solo de onde

parte todos os trabalhos artísticos dessa pesquisa e os mantêm conectados aos sonhos dos que vieram antes de mim.



**Figura 2**

Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA  
Fonte: arquivo da autora, 2022-2023.

Portanto, é inevitável que minha pesquisa artística sempre busque fazer coro às reivindicações das lutas populares do campo. Entretanto, gostaria de reforçar que defendo a linguagem da pintura não apenas como uma ferramenta das lutas sociais, mas sim, enquanto uma linguagem de agência, capaz de produzir memória e criar novas narrativas coletivas.

A memória, enquanto tradição e oralidade, está calcada na compreensão de que só há história onde há experiência e só há experiência onde há sujeito. Todo sujeito produz palavras pelas quais constrói seu testemunho, sua narrativa. Assim, ela se configura como a arte de dizer e de narrar para reconstruir, redimir ou reparar. (SAUER, 2016, p. 36)

Por fim, é com encanto<sup>1</sup> e ousadia que testemunho deste solo e o reconhecimento como feitiço lançado à uma luta maior, que caminha rumo à conquista de um poder popular e pela soberania dos povos onde a retomada dos nossos próprios territórios, memórias de reconhecimento e direitos sejam parte de uma nova história.

---

<sup>1</sup>Encantamento: Sobre Política de Vida. Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, 2020

## 2. CANTAR A FOLHA

As pinturas aqui apresentadas como meu trabalho de conclusão de curso, fazem parte do acervo da minha primeira exposição individual intitulada CANTAR A FOLHA. Essa exposição acontecerá na Funarte SP, Galeria Flávio de Carvalho, entre os dias 9 de novembro até 8 de dezembro de 2024, sendo um projeto de exposição individual inscrito e selecionado pelo edital Programa Funarte Aberta Ocupação de Espaços Culturais da Funarte São Paulo 2023.

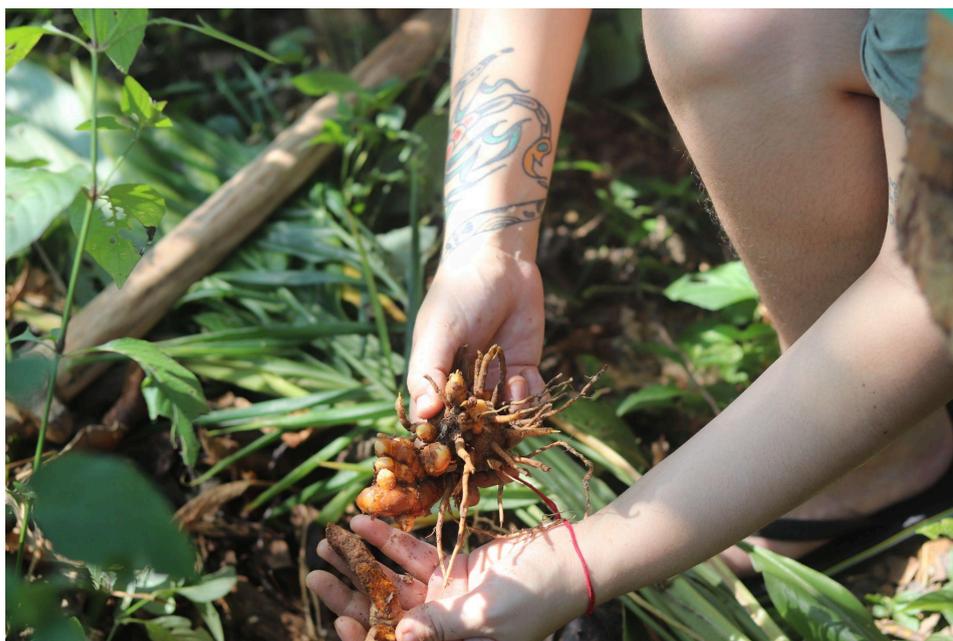
Como metodologia e abordagem artística, proponho uma montagem de exposição dividida em três atos: Denúncia, Memória e Encantamento, nos quais cada "ato" abarca obras que exploram aspectos cruciais sobre o tema da memória camponesa e seu importante papel na luta pelo direito à terra no Brasil, buscando estabelecer conexões do passado entre as juventudes do presente. No decorrer deste capítulo, apresentarei os trabalhos finalizados, as técnicas pictóricas e as referências visuais e filosóficas que foram utilizadas.

A construção dessa série pictórica passa por diferentes fases e direções artísticas das quais tomei durante a graduação. Portanto, mesmo transitando entre a linguagem abstrata e figurativa, formatos em instalações e trabalhos com linguagens aparentemente diferentes entre si, todos eles, conceitualmente, sempre caminharam para a mesma direção.



**Figura 3**

Mesa com ramos de cajiru e açafraão para extração de pigmentos, Guapimirim - RJ.  
Fonte: arquivo da autora, 2024.



**Figura 4**  
Colheita de açafraão, Guapimirim - RJ.  
Fonte: arquivo da autora, 2024.

Com isso, no decorrer desses três Atos, apresentarei não apenas pinturas com técnica convencional e/ou mista (como acrílica e óleo), mas também uma pesquisa plástica que desenvolvo há 4 anos, a partir de tintas naturais sobre algodão cru e tela. Sendo elas: técnica têxtil, com pigmentos de extração artesanal a partir de folhas e/ou cascas de árvores tintórias e as geotintas, com pigmentos de terras coloridas e manuseadas com base acrílica; terras essas que foram coletadas em territórios rurais do norte ao sudeste do Brasil.



**Figura 5**  
Registro fotográfico da pesquisa com pigmentos naturais.  
Fonte: arquivo da autora, 2021-2022.

## 2.1 ATO I - DENÚNCIA

Abro o Ato I trazendo o elemento pictórico da terra de maneira simbólica e essencial nesses trabalhos. A terra retém registros e memórias de milhões de anos. Dela se nasce, se nutre e para ela se volta após a morte. A terra que já pisei e a que piso contém histórias de alegrias, tristezas, nascimento, morte, festejos, conflitos e também de arte. Assim como em nossos corpos, a terra contém a impressão matérica dos nossos antepassados e essas marcas são carregadas de memória, que em sua complexidade, abarcam a história do mundo e a história singular das nossas existências.



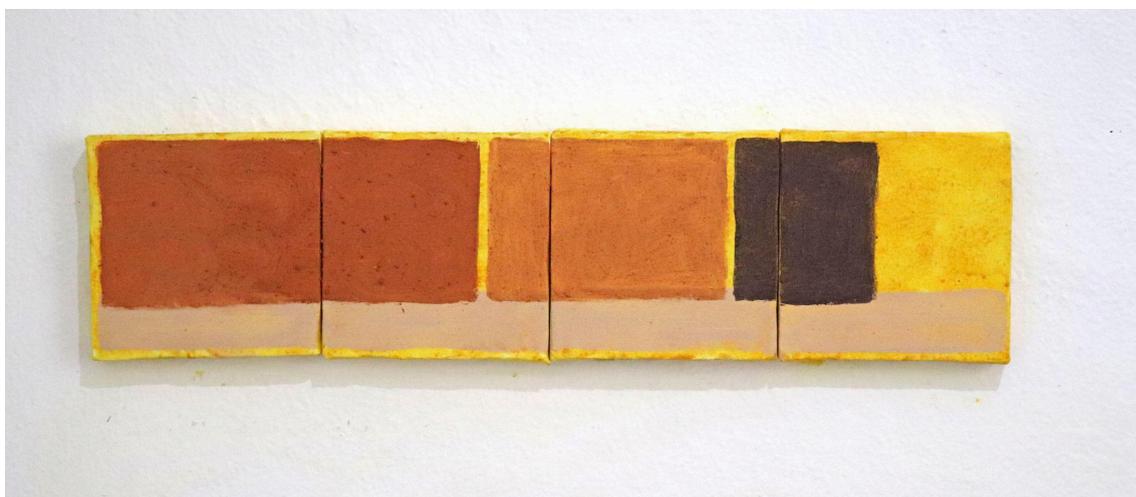
**Figura 6**

Registro fotográfico do resultado. Díptico “Latifúndio”, 2024.

Fonte: arquivo da autora, 2024.

Nos trabalhos “Latifúndio” e “Lote” que compõem o Ato I, o fundo é preparado de maneira convencional, com a tinta acrílica Amarelo de Cádmio. Já as

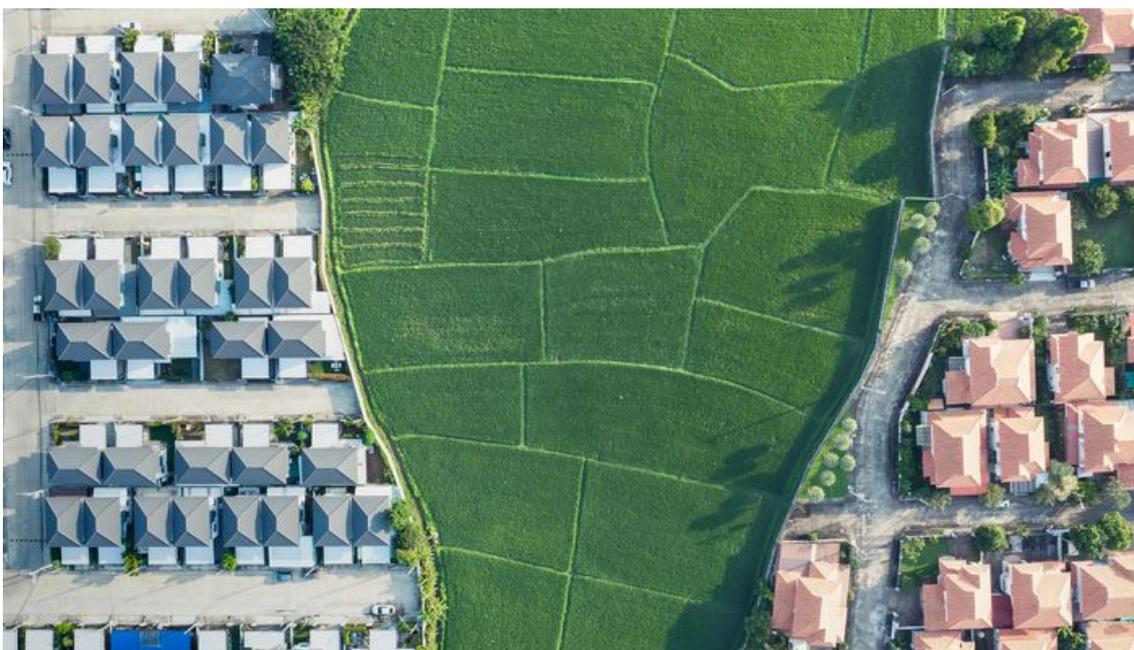
camadas que sobrepõem o fundo, são tintas produzidas a partir de pigmentos de terras com base acrílica. (Terras coletadas em Minas Gerais, Goiás e São Paulo).



**Figura 7**

Registro fotográfico do resultado. "Lote", 2024  
Fonte: arquivo da autora, 2024.

Esses dois trabalhos evidenciam as fronteiras de tela e é possível observar formas como quadrados, retângulos e linhas explícitas que acendem ao fundo. Essas pinturas - e outros trabalhos que irei apresentar nesse memorial -, tem como referência visual as imagens aéreas de lotes de terras e/ou terrenos em zonas urbanas e rurais, onde o espaço que divide as propriedades de terra são "rasgados" e linearizados em formatos não orgânicos, dispensando o sentido social ou ambiental da geografia natural do terreno.



**Figura 8**  
Imagem de referência 1  
Fonte: Imagens Google (jus.com.br)



**Figura 9**  
Imagem de referência 2  
Fonte: Imagens Google (UniSecove)

Ao percorrer pelo Ato I - Denúncia, observamos a presença de outros dois trabalhos, os quais utilizo a escrita como dispositivo compositivo. Sendo eles também lidos como instalação artística, em “Vigília” temos sobre o algodão cru o material de giz pastel produzidos artesanalmente com terras coloridas do Cerrado e da Mata Atlântica. Em “Vigília”, temos sobre o chapéu de palha, tinta com pigmento de terra vermelha com base acrílica.

A composição desses trabalhos - em denúncia - expressam nomes de trabalhadores que foram vítimas do conflito agrário e territorial no Brasil. Aqui, é

possível identificar alguns nomes de ativistas ambientais e militantes brasileiros que lutaram pelo direito à terra no Brasil e/ou que dedicaram suas vidas em defesa da Amazônia e seus respectivos territórios<sup>2</sup>.



**Figura 10**

Registro fotográfico do resultado. “Vigília” 2022.

Fonte: arquivo da autora, 2022.

A utilização proposital da escrita, nomeando pessoas reais que lutaram pela defesa dos seus territórios em conflito agrário no país, expressa a necessidade de identificar os rostos, os nomes e as histórias de trabalhadores que atravessam uma realidade de direitos negados e uma existência ameaçada, mas que ainda resistem organizados no campo. Relembrar esses nomes, dar foco a essas histórias e as trazer tanto plasticamente como conceitualmente para o âmbito da pintura, é também uma forma de acionar a comunicação popular a partir dessa linguagem.

---

<sup>2</sup> Pesquisa reunida a partir dos relatórios anuais do “CONFLITO NO CAMPO BRASIL” da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Link <https://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes-2/conflitos-no-campo-brasil>



**Figura 11**  
Registro fotográfico do resultado. “Carapuça” 2023.  
Fonte: arquivo da autora, 2023.

*“Recebe teu filho, minha Mãe Natureza. Ele não vai ser sepultado, vai ser plantado na tua sombra, como ele queria. Para que dele nasçam novos guerreiros”*

**Zinilda Maria de Araújo**

## 2.2 ATO II - MEMÓRIA

Ao adentrarmos o Ato II - Memória, é possível observar a predominância de três trabalhos desenvolvidos a partir da técnica mista (óleo e acrílica), com linguagem figurativa e de identificação objetiva às ativistas e militantes ambientais ali presentes. O uso do figurativo nesse ato é parte de uma identidade artística e popularmente conhecida pelos “estandartes”, e neste caso, representados especialmente na Romaria da Terra e das Águas.



Figura 12

Imagem de referência 3

Fonte: Comissão Pastoral da Terra - CPT Nacional.

A Romaria da Terra e das Águas é um tipo de procissão diferenciada das outras manifestações de cunho religioso/católico convencional pois ela é organizada pela Comissão Pastoral da Terra - CPT em parceria com outros movimentos sociais do campo, comunidades e territórios tradicionais. Hoje, a Romaria da Terra e das Águas corresponde a um ato ecumênico e político pela reivindicação do direito à terra no Brasil e pela soberania dos povos, abarcando em si todas as pluralidades religiosas e espirituais do campesinato<sup>3</sup> brasileiro. Sendo uma manifestação popular que acontece em todas as regiões do país, a Romaria da Terra e das Águas é um elemento fundamental da cultura popular camponesa e de fortalecimento da memória coletiva desses povos.



**Figura 13**

45ª Romaria da Terra e das Águas, Bom Jesus da Lapa - BA, 2022.

Fonte: União das Cooperativas de Agricultura Familiar e Economia Solidária - UNICAFES

---

<sup>3</sup> Campesinato diz respeito não apenas aos pequenos agricultores ou comunidades rurais como também aos povos e grupos que trabalham e dependem da natureza. Sendo assim, o campesinato brasileiro é composto por pequenos agricultores, pescadores, indígenas, quilombolas, extrativistas, etc.



**Figura 14**

Caminhada da 45ª Romaria da Terra e das Águas, Bom Jesus da Lapa - BA, 2022.  
Fonte: União das Cooperativas de Agricultura Familiar e Economia Solidária - UNICAFES

Portanto, o Ato II - Memória, abre alas com a pintura “EU QUERO VIVER”, em homenagem ao legado e memória de Chico Mendes.

*“Se um mensageiro descesse do céu e garantisse que  
minha morte ajudaria a fortalecer nossa luta, ela até valeria a pena.*

*Mas a experiência nos ensina o contrário. Não é com grandes  
funerais e manifestações de apoio que iremos salvar a Amazônia.*

*Eu quero viver.” – **Chico Mendes.***



**Figura 15**

Registro fotográfico do resultado. "EU QUERO VIVER" 2022.  
Fonte: arquivo da autora, 2022.

A composição da pintura "EU QUERO VIVER" conta com a representação de Chico Mendes e sua movimentação de luta junto aos povos do campo, das águas e das florestas. Tendo elementos visuais como o Rio Amazonas e os conflitos territoriais presentes em meio ao combate à destruição da Floresta Amazônica, a luta organizada dos movimentos sociais resistem até os dias de hoje, levantando suas bandeiras pela soberania dos povos e olhando sempre em frente.

Início este Ato em memória à Chico Mendes, que foi um líder sindical e seringueiro em Xapuri-Acre, infelizmente assassinado em dezembro de 1988. Chico e suas/eus companheiras/os de luta deixaram legados importantes para a

história das conquistas socioambientais no Brasil, como: a criação das Reservas Extrativistas, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), e a internacionalização das lutas pela conservação da Amazônia e dos povos que vivem nela. Aqui, homenageio esse mártir da floresta, um dos símbolos de luta e vitória da classe trabalhadora.



**Figura 16**

“Aliança entre os povos do campo, das águas e florestas”  
Semana Chico Mendes - Xapuri/Acre, dezembro de 2023.  
Fonte: arquivo da autora, 2023.

Em dezembro de 2023 pude ir para Rio Branco e Xapuri no Acre participar da Semana Chico Mendes e integrar a equipe de comunicação que cobriu o evento. A SCM acontece todos os anos entre os dias 5 a 22 de dezembro - datas de nascimento e morte do seringueiro. Esse evento-manifestação é realizado pelo Comitê Chico Mendes e converge ações e intervenções de arte urbana, cultura popular, espaços de debate político, de articulação entre várias organizações socioambientais e juventudes. O tema de 2023 foi: "Empate de Retomada" e abordou assuntos relacionados à Justiça Climática e O Esperançar de um Novo

Futuro. Acredito que, quem matou Chico Mendes não imaginava a repercussão que iria ocorrer, já que o apagamento e silenciamento desses crimes sempre foram normalizados nas trincheiras do nosso país. Pois a luta e a organização das comunidades do campo e florestas reergueram-se ainda mais fortes a partir dali. Chico Vive!

*“Eu não posso fugir. Me sentiria um covarde se fizesse isso. Meu sangue é o mesmo destas pessoas que sofrem aqui. Os seringueiros precisam ficar unidos, de forma que a morte de uma pessoa não mate a força viva de sua luta.*

**– Chico  
Mendes.**



**Figura 17**

Registro fotográfico do resultado. “NÃO PERDER O ESPERANÇAR”, 2022.

Fonte: arquivo da autora, 2022.

A pintura “Não Perder o Esperançar” aborda em memória as lutas e legados de Maria do Espírito Santo e José Cláudio Ribeiro da Silva. Um casal de castanheiros que viviam e trabalhavam em Ipixuna, Sudeste do Pará e eram reconhecidas lideranças do Projeto Agroextrativista Praiaalta-Piranheira. Denunciavam invasões e roubos de madeiras ilegais, contrariando os interesses de madeireiros e grileiros, sendo assim, alvos e tendo suas vidas ceifadas em maio de 2011 por defenderem a floresta e os seus territórios.

Hoje, as lutas de Zé Claudio e Maria perpetuam e suas memórias permanecem vivas por meio desses legados. O Instituto Zé Claudio e Maria é um exemplo e fruto desse legado pelo qual, atualmente, trabalha na defesa de lideranças amazônicas ameaçadas de morte e na educação de populações tradicionais do sudeste do Pará.

Através da carga figurativa dessa pintura, a busca pela desconstrução/construção dessas referências imagéticas na forma e no tratamento da pintura em estilo de colagem, com interposições e transparências, remontam fragmentos da memória coletiva que se relacionam com o imaginário das lutas sociais do campo.

*“Não perder o esperar! Era isso que Zé Claudio e Maria falavam. Não perder a fé de que teremos dias melhores, que conseguiremos manter nossas florestas, nossos rios. Que conseguiremos manter nossos povos com direitos e dignidade. Mas para isso, é preciso ter a ousadia de continuar lutando.”* **Claudelize dos Santos, irmã de Zé Cláudio.**



**Figura 18**

Registro fotográfico do resultado. “NÃO VOU FUGIR NEM ABANDONAR A LUTA” 2022.  
Fonte: arquivo da autora, 2022.

Em “Não Vou Fugir nem Abandonar a Luta”, temos a memória de luta e resistência da Irmã Dorothy, integrante da Comissão Pastoral da Terra (CPT), e grande defensora da reforma agrária no Brasil. Ela mantinha intensa agenda de diálogo com lideranças camponesas, políticas e religiosas, na busca de soluções para os conflitos relacionados à posse e à exploração da terra na Região Amazônica. Infelizmente, Dorothy foi assassinada aos 73 anos de idade, em fevereiro de 2005.

Nesta composição, além da referência clássica à uma foto da Irmã Dorothy sorrindo e acenando, vemos alguns elementos como o nome de “Wilson Pinheiro”, que foi uma grande liderança sindicalista na Amazônia, perseguido e morto em 1980. Além disso, é possível destacar algumas de silhuetas de rostos conhecidos como a de Chico Mendes, entre outros camponeses e militantes perseguidos durante a ditadura empresarial militar de 1964.

Essas três pinturas que homenageiam Chico Mendes, Zé Claudio, Maria do Espírito Santo e a Irmã Dorothy, não tem como princípio reaver qualquer sofrimento, mas sim, o de apontar para a vividez dessas lutas e através da imagem e pintura, reconhecer essas histórias e legados. É necessário que essas pessoas sejam reconhecidas enquanto sujeitos de sua história, passo importante para a construção da condição fundamental do camponês como sujeito de direitos. Neste sentido, reconstruir a memória camponesa é um processo político de presentificar o passado, para irromper silêncios. (SAUER, 2016)

*“Não vou fugir e nem abandonar a luta desses agricultores que estão desprotegidos no meio da floresta. Eles têm o sagrado direito a uma vida melhor numa terra onde possam viver e produzir com dignidade sem devastar”.*

***Irmã Dorothy Stang***

A memória, segundo Walter Benjamin (1987), “arranca a tradição do conformismo”, procurando no passado, nas tradições, sementes de outra história possível. Para ele, a memória é a redenção da história. Neste sentido, apresento a instalação “Catálogo” que encerra o Ato II.

Este trabalho representa a minha memória de pesquisa plástica. Literalmente, esse trabalho é um catálogo em formato de instalação que reúne inúmeras pinturas em pequenos formatos sobre algodão cru. “Catálogo” representa o meu percurso na pesquisa com pigmentos e tintas naturais e é uma instalação que está sempre em transformação e alternância, acolhendo nela muitos dos territórios que pisei, sendo terras, folhas ou algum fragmento de memória pela qual transformo em tinta natural desde o ano de 2021.



**Figura 19**

Registro fotográfico do resultado. “Catálogo”, 2021-2024.

Fonte: arquivo da autora, 2022.

Essa instalação contém em sua composição plástica, grande variedade de materiais, sendo alguns dos pigmentos: terras (amarela, roxa, rosa, branca, verde, vermelha, laranja, preta e azul), cúrcuma, cacau, café, carvão, folha de crajiru, casca de romã, barbatimão, casca de jabuticaba, folha de eucalipto, erva mate, batata roxa, amora e spirulina.

A partir dessa pesquisa, nos últimos 3-4 anos pude experimentar muitas formas de aglutinantes e fixadores naturais e/ou convencionais misturados à esses pigmentos sobre algodão cru. Muitos testes de cor/fixação e aglutinação não tiveram boas adesões ao algodão cru com o tempo, então é por esse motivo que esse trabalho é em parte efêmero e necessita de renovações das suas peças com frequência. Além do “Catálogo” ser um registro e memória pessoal da minha pesquisa, ele me aponta caminhos plásticos e, a partir disso, me lança à novos lugares de desenvolvimento artístico e conceitual.

### 2.3 ATO III - ENCANTAMENTO

São as folhas que abrem o Ato III. Este Ato - que ainda está em desenvolvimento e expansão de pesquisa-, temos a predominância de pinturas realizadas a partir da técnica têxtil com pigmentos naturais de plantas tintórias encontradas entre a Mata Atlântica e o Cerrado, biomas que percorri, caminhei e pude observar com atenção as suas possibilidades tintórias.



**Figura 20**

Registro fotográfico do resultado. “Jogos de Encantaria”, 2023-2024.

Fonte: arquivo da autora, 2023.

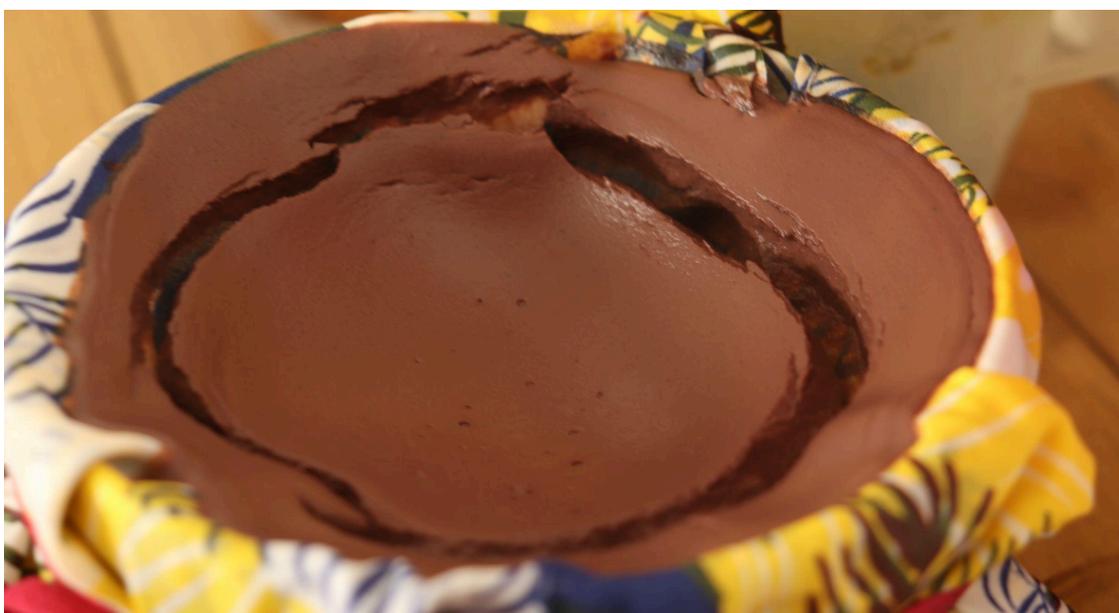
Esse trabalho é composto por pinturas/tingimentos com suporte de algodão cru, trabalhadas numa montagem feita instalação como um jogo de panos suspensos. Cada tecido que compõe o trabalho é tingido artesanalmente a partir de pigmentos naturais de cascas de árvores, flores, e folhas. “Jogos de Encantaria” propõe ser um trabalho brincante e mutável. As peças individuais podem ser compostas e sobrepostas de diferentes maneiras, tendo dezenas de possibilidades de composição entre si.

Imageticamente, neste trabalho, retomo as referências visuais de paisagens de lotes e terrenos cortados em retângulos e quadrados ao ser vistos de cima. Os panos retangulares e sobrepostos remontam essas paisagens, mas agora, de

formas diferentes. Este jogo é passível de transformação e me dá autonomia para realizar mudanças em sua composição.

Jogos de Encantaria nasce do desejo e o sonho de autonomia e soberania popular. É um brincar, um jogo, um cantar, um encantar de folhas que emerge do sagrado e busca ocupar a materialidade do presente.

Neste Ato, as folhas são cantadas e encantadas. E pavimentam o caminho pelo qual todos nós seguimos.



**Figura 21**

Tinta laca Natural de Barbatimão, 2022.

Fonte: arquivo da autora, 2022.

Assim, encerro o último Ato da exposição apresentando mais três trabalhos em fototelas, sendo eles parte dos meus registros fotográficos durante os processos de feitura das tintas artesanais, a preparação de suporte e a colheita das matérias primas, trazendo também a linguagem fotográfica como parte e importante integrante do acervo.



**Figura 22**  
Fototela "CANTAR A PELE", 2024.  
Fonte: arquivo da autora, 2024.



**Figura 23**  
Fototela "CANTAR A FOLHA", 2024.  
Fonte: arquivo da autora, 2024.



**Figura 24**  
Fototela "CANTAR O SOLO", 2024.  
Fonte: arquivo da autora, 2024.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Assim está lançada a tarefa do encantamento: armar a vida neste e nos outros mundos — múltiplos feito as folhas — como pássaros capazes de bailar acima das fogueiras, com a coragem para desafiar o incêndio e o cuidado para não queimar as asas.”*

**Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino**

Por fim, esse memorial que reúne as peças do meu caminhar pela construção da exposição “CANTAR A FOLHA” não se traduz apenas em uma proposta de conclusão de curso, mas também em um ponto de partida. Compreendo que durante minha formação acadêmica em Pintura na EBA, fui atravessada por incontáveis linguagens artísticas, movimentos políticos, sociais e culturais dentro e fora da universidade, mas também pude viver esse período junto de muitas pessoas, sendo a coletividade um fator indispensável no amadurecimento desta pesquisa.

O imaginário do artista isolado e solitário em seu ateliê que remonta um uma visão estereotipada e antiga do “criar”, definitivamente não me contempla e tampouco desperta sentido. Felizmente - ou infelizmente - não consigo separar a vida da arte e nem a arte da vida e, assim, seguirei dançando nas frestas das linguagens, nas fronteiras entre as ciências e na linha tênue das verdades absolutas.

Contudo, ao olhar para as sistêmicas tentativas de apagamento das lutas sociais que reivindicam pautas dos trabalhadores do campo e do direito à terra no Brasil, o fortalecimento da memória camponesa através das artes visuais e da cultura emerge como um contragolpe às políticas de extermínio direcionadas a esta classe. Neste sentido, reconstruir memórias não é fazer um resgate do passado puro e simples, ou ainda fazer uma descrição desse passado, mas narrar para fazer emergir esperanças não realizadas desse passado. (BENJAMIN, 1987)

Que “CANTAR A FOLHA” possa fazer coro em contra-ataque do desencanto. Possa fazer vibrar histórias adormecidas como um feitiço lançado ao futuro, tomado do desejo da minha geração em construir um amanhã melhor que ontem, com a coragem para desafiar o incêndio sem se queimar.

## **BIBLIOGRAFIA**

KAWAKAMI, Hisako. Tingimento Natural: Técnicas para extrair pigmentos de plantas e flores. 1ª Edição. São Paulo, 2020.

LAGROU, Els. Arte indígena no Brasil. Editora C/Arte 2ª impressão. Belo Horizonte, 2013.

STEDILE, João Paulo. A questão agrária no Brasil: O debate na esquerda. 2ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

SAUER, Sergio et al. Comissão Camponesa da Verdade. Relatório Final: violações de direitos no campo 1946 a 1988. Brasília: Dex-Unb, 2015.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. Obras Escolhidas. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TONIAL, Felipe Augusto Leques. et al. A resistência da colonialidade: definições e fronteiras. Revista de Psicologia da UNESP 16 (1), 2017.

VANDERLINDE, Tarcísio. A peregrinação por um novo território. UNIOESTE. Marechal Cândido Rondon - PR, 2010.

SILVA, Marcelo Leal Teles. et al. Plano camponês por soberania alimentar e poder popular. 1ª edição. São Paulo, 2019.

## **LISTA DE FIGURAS**

**Figura 1:** Print do videoarte “Retomar”, 2022.

**Figura 2:** Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA

**Figura 3:** Mesa com ramos de cajuru e açafão para extração de pigmentos, Guapimirim - RJ. 2024

**Figura 4:** Colheita de açafão, Guapimirim - RJ, 2014.

**Figura 5:** Registro fotográfico da pesquisa com pigmentos naturais.2021-2011

**Figura 6:** Registro fotográfico do resultado. Díptico “Latifúndio”, 2024.

**Figura 7:** Registro fotográfico do resultado. “Lote”, 2024

**Figura 8:** Imagem de referência 1

**Figura 9:** Imagem de referência 2

**Figura 10:** Registro fotográfico do resultado. “Vigília” 2022.

**Figura 11:** Registro fotográfico do resultado. “Carapuça” 2023.

**Figura 12:** Imagem de referência 3

**Figura 13:** 45ª Romaria da Terra e das Águas, Bom Jesus da Lapa - BA, 2022.

**Figura 14:** Caminhada da 45ª Romaria da Terra e das Águas, Bom Jesus da Lapa - BA, 2022

**Figura 15:** Registro fotográfico do resultado. “EU QUERO VIVER” 2022.

**Figura 16:** “Aliança entre os povos do campo, das águas e florestas” Semana Chico Mendes - Xapuri/Acre, dezembro de 2023.

**Figura 17:** Registro fotográfico do resultado. “NÃO PERDER O ESPERANÇAR”, 2022.

**Figura 18:** Registro fotográfico do resultado. “NÃO VOU FUGIR NEM ABANDONAR A LUTA” 2022.

**Figura 19:** Registro fotográfico do resultado. “Catálogo”, 2021-2024.

**Figura 20:** Registro fotográfico do resultado. “Jogos de Encantaria”, 2023-2024.

**Figura 21:** Tinta laca Natural de Barbatimão, 2022.

**Figura 22:** Fototela “CANTAR A PELE”, 2024.

**Figura 23:** Fototela “CANTAR A FOLHA”, 2024.

**Figura 24:** Fototela “CANTAR O SOLO”, 2024.



### CANTAR A FOLHA

"É fundamental soprar palavras de força, aprender o saber dos anciãos da terra. Ele não foi perdido. Não basta colher a folha para fazer o remédio; é preciso saber cantá-la e encantá-la. Cantar a folha é reverenciar a permanência da árvore." (Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, ENCANTAMENTO sobre política de vida)

Na confluência entre arte e política, nasce **CANTAR A FOLHA**, um pulsar de juventude que busca mirar novos futuros, sem esquecer os legados das lutas sociais conquistadas no passado. A artista visual Brenda Spinosa convida o público a mergulhar numa narrativa tecida pela terra e pela memória dos povos do campo, compreendendo que o seu fortalecimento através das artes e da cultura atua como um contragolpe às tentativas de apagamento das lutas sociais que reivindicam o direito à terra no Brasil e a soberania dos povos. Aqui, reconstruir memórias não é fazer um resgate do passado puro e simples, mas narrar para fazer emergir esperanças não realizadas desse passado.

Dividida em três atos - Denúncia, Memória e Encantamento - cada ato é um convite de ação para retomar identidades, re-conhecer legados onde as histórias de lutas populares brasileiras reverberam e se encantam. Através de pinturas e instalações a exposição abre reflexões sensíveis e afetivas relacionadas à memória camponesa, meio ambiente e a valorização das culturas do campesinato.

### CANTAR A FOLHA

**CANTAR A FOLHA** é um contragolpe ao desencanto. Feitiço lançado ao futuro, tomado do desejo desta geração em construir um novo amanhã. Ao caminhar pelos três atos da exposição, é possível compreender as artes visuais enquanto uma linguagem de agência e capaz de produzir novas narrativas coletivas. É do desejo e da necessidade de uma nova juventude fazer vibrar histórias adormecidas e de tornar visível as relações de opressão na estrutura social brasileira, para só assim ser possível esperar novos futuros e possibilidades de justiça social.

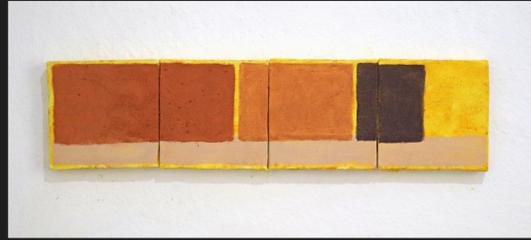
Apresentação por Lane Lopes

ATO I



1. "Latifúndio" - Acrílica, terra vermelha, roxa e bege sobre tela - 100 x 140 cm - (2024)

ATO I



2. "Lote" - Acrílica, terra vermelha, roxa e bege sobre tela - 15 x 60 cm - (2024)

ATO I



3. "Vigília" - Terra e giz sobre algodão cru - 200 x 150 cm - (2022)

ATO I



4. "Carapuça" - Acrílica e terra sobre chapéu de palha - 40 x 40 cm - (2022)

ATO II



5. "Eu Quero Viver" - Acrílica e óleo sobre tela - 120 x 100 cm - (2022)

ATO II



6. "Não Perder o Esperança" - Acrílica e óleo sobre tela - 110 x 90 cm - (2022)

ATO II



7. "Não Vou Fugir Nem Abandonar A Luta" - Acrílica e óleo sobre tela - 110 x 90 cm - (2022)

ATO II



8. "Catálogo" - Pigmentos de terras e vegetais sobre algodão cru - Dezevoze peças de 25 x 15 cm cada (2021)

ATO III



9. "Retorno" - Técnica têxtil, pigmentos de terra vermelha, curcuma, romã e semente de abacate sobre algodão cru - 200 x 180 cm - (2023)

ATO III



10. "CANTAR A PELE" - Díptico Fotografia - 100 x 50 cm - (2024)

ATO III



11. "CANTAR A PELE" - Díptico Fotografia - 100 x 50 cm - (2024)

ATO III



11. "CANTAR A PELE" - Díptico Fotografia - 100 x 50 cm - (2024)